

ALÔ, ALÔ, AMAZÔNIA: VÍNCULOS E MEMÓRIAS QUE SE CONSTROEM ATRAVÉS DO RÁDIO¹

HELLO, HELLO, AMAZON: BONDS AND MEMORIES BUILT THROUGH RADIO

ADALTON GUEDES BAIA

Mestrando em Estudos de Cultura e Política pela Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
adaltonguedds123@gmail.com

LAUDICLEA PIRES DA SILVA CARVALHO

Mestrando em Estudos de Cultura e Política pela Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
lau-pcarvalho@hotmail.com

EDUARDO MARGARIT ALFENA DO CARMO

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, UFG
eduardo.margarit@unifap.br

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão sobre a importância do programa de rádio Alô, Alô Amazônia, que possui uma história de mais de 50 anos de existência exercendo importante papel na comunicação com moradores de diversas comunidades ribeirinhas do Amapá e norte do Pará. Durante esse tempo, muitos vínculos e memórias surgiram, tanto por parte de quem fez e faz o programa, quanto para quem escuta. Dessa forma, a partir de uma entrevista com a apresentadora Janete Carvalho, que contribuiu profundamente para a construção da história e do sucesso do programa, a pesquisa buscou verificar a importância do programa de rádio para a construção dos vínculos e da memória da apresentadora. Neste tipo de programação, a oralidade como prática ancestral é compreendida não apenas como forma de transmissão de conhecimento, mas como instrumento de resistência e valorização cultural. Em uma perspectiva interdisciplinar, este texto apresenta os laços e vínculos que se fortaleceram através do programa de rádio, assegurando a construção e continuidade de memórias tanto individuais da apresentadora, quanto coletivas, de comunidades ribeirinhas que se identificam na comunicação promovida pelo programa de rádio.

Palavras-Chave: Amazônia; Comunicação; Memórias; Rádio; Vínculos.

ABSTRACT

¹ Recebido em 21/08/2025. Aprovado em 19/10/ 2025.



Este trabalho está licenciado sob CC BY. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

This article reflects on the importance of the radio program "Alô, Alô Amazônia," which has a history spanning over 50 years and plays a significant role in communication with residents of various riverside communities in Amapá and northern Pará. During this time, many bonds and memories have emerged, both for those who created and continue to create the program, and for its listeners. Therefore, based on an interview with the presenter Janete Carvalho, who contributed profoundly to the program's history and success, this research sought to verify the importance of the radio program in building the presenter's connections and memories. In this type of programming, orality as an ancestral practice is understood not only as a form of knowledge transmission but also as an instrument of resistance and cultural valorization. From an interdisciplinary perspective, this text presents the ties and bonds that have been strengthened through the radio program, ensuring the construction and continuity of both the presenter's individual memories and the collective memories of riverside communities that identify with the communication promoted by the radio program.

Keywords: Amazon; Communication; Memories; Radio; Connections.

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo nasceu a partir de uma aula realizada na Universidade Federal do Amapá, no âmbito do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política, na disciplina Cultura e Sociedade Amazônica, que contou com a participação do professor Dr. Benedito Rostan Costa Martins. Na ocasião, o mesmo falou sobre o seu livro intitulado: "Alô, Alô, Amazônia: A linguagem da floresta no rádio", produto de pesquisa em que analisou o programa radiofônico Alô, Alô, Amazônia, que está na grade de programação da Rádio Difusora de Macapá a mais de 60 anos e se tornou patrimônio cultural imaterial do Amapá.

Durante o desenvolvimento da aula, muitas memórias foram despertadas e diversos atravessamentos que perpassam os autores deste artigo, tendo em vista que estes, em diferentes momentos de suas trajetórias de vida, foram ouvintes do referido programa. Assim, a pesquisa buscou conhecer o programa Alô, Alô, Amazônia e seus vínculos e memórias que se construíram a partir do olhar da apresentadora com sua vasta trajetória à frente do programa.

Esse programa, também chamado de "mensageiro do povo", levou mensagens e diversas informações a diferentes pessoas. Essas mensagens atravessam a vida dos autores desta pesquisa, o que motivou o interesse pela investigação. Os autores mantiveram relações afetivas com a história do programa, sendo que um deles (Laudicléa Pires) sempre foi ouvinte deste estimado programa. Por ser professora e morar na zona

rural do estado, ela aguardava ansiosamente, todos os dias, pelo início do programa. Sua rotina de professora se entrelaçava com a programação do Alô, Alô Amazônia. Durante a transmissão, recebia com muita emoção mensagens enviadas por sua família, o que amenizava a saudade pelas ondas afetivas do programa.

O segundo autor deste artigo (Adalton Baia), durante parte da vida, morou em uma comunidade ribeirinha afastada da cidade de Macapá chamada Igarapé Grande do Curuá, no arquipélago do Bailique, entre 2005 e 2015. Na localidade, a energia era gerada por um gerador que dependia de combustível para funcionar, e seu tempo de funcionamento não passava de quatro horas, das 18h às 22h. Por isso, nos períodos sem energia, o rádio à pilha supria a carência de entretenimento e acesso à informação. Entre 13h e 14h, horário em que acontecia e ainda acontece o programa Alô, Alô Amazônia, era comum ver pessoas reunidas para ouvi-lo e, caso houvesse alguma mensagem direcionada a alguém da localidade esta seria escutada.

O terceiro autor (Eduardo Margarit), desde 2013 mora na Amazônia e realiza pesquisas sobre os povos tradicionais e encontrou no rádio uma fonte rica de pesquisa de informações sobre o cotidiano das populações ribeirinhas. Portanto, os autores deste texto possuem uma relação muito próxima com o rádio, que integrou em diferentes momentos seus ritmos de vida.

O Programa de comunicação radiofônica Alô, Alô, Amazônia teve sua história construída juntamente com o crescimento da Rádio Difusora de Macapá, rádio pública gestada pelo Governo do Estado do Amapá. O programa Alô, Alô, Amazônia teve grande importância no processo de desenvolvimento de comunicação na Amazônia, principalmente para as comunidades ribeirinhas espalhadas pelas margens dos rios no estado do Amapá e no norte do Pará. Com seu poder de alcançar lugares mais distantes por meio da difusão em ondas tropicais (4.915 KHZ) e ondas médias (630 KHZ), o programa cresceu e se fortaleceu, levando informações e permitindo a troca de mensagens para pessoas que tinham no rádio um meio quase exclusivo para essa finalidade.

Assim, este artigo objetiva entender o importante papel que o programa cumpriu e cumpre na construção dos vínculos e memórias da apresentadora do programa em sua trajetória no Alô, Alô, Amazônia. Além disso, como objetivos específicos, foram identificadas a construção da história e da trajetória que o processo de comunicação na Amazônia amapaense teve através da Rádio Difusora de Macapá e do programa Alô, Alô, Amazônia no estado do Amapá, que perpassam também pela trajetória da locutora ao

longo dos anos. Buscou-se, ainda, identificar o panorama atual do processo de comunicação na Amazônia ribeirinha através do rádio e do referido programa a partir do olhar da apresentadora.

2. METODOLOGIA

Para que se possa entender as relações que se constroem para além do campo teórico, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, buscando compreender as experiências que se estabelecem por meio das relações intersubjetivas, entendendo os significados narrativos que são construídos pelos participantes.

Para Corbin e Strauss (2008), a pesquisa qualitativa envolve qualquer tipo de pesquisa que produz dados e resultados que estão além da quantificação através de estatísticas. São pesquisas que se referem também à vida e às experiências de vida de determinadas pessoas, aos comportamentos, sentimentos e emoções que os indivíduos expressam através de suas histórias e relatos, além de se referirem a pesquisas que visam entender o funcionamento organizacional, a organização de movimentos sociais, fenômenos culturais e a interação entre países.

Para um entendimento teórico do tema pesquisado, foi realizada pesquisa bibliográfica nas plataformas científicas: Scielo, Google Acadêmico e portal de Periódicos da CAPES, utilizando os seguintes termos: “Alô, Alô, Amazônia”, “Rádio difusora de Macapá”, “Memória”, “Rádio” e “Vínculos”. Como resultado, foi realizada revisão bibliográfica dos títulos encontrados e selecionados como relevantes sobre o tema.

Além disso, foi utilizada a estratégia da pesquisa de campo, com visita à Rádio Difusora no dia 25 de junho. Para a coleta de dados em campo, foi utilizada como ferramenta estratégica a entrevista narrativa, como estabelecido por Jovchelovitch e Bauer (2008). Foi adotado o planejamento prévio por meio de questionário semiestruturado, em que buscou-se entender, a partir da visão da locutora, as questões que envolvem os fenômenos pesquisados. Assim, realizou-se uma entrevista com a jornalista Janete Carvalho, nas dependências da Rádio Difusora de Macapá, em que foi possível identificar os vínculos que ela construiu ao longo da programação na rádio.

A análise da entrevista, descrita no terceiro tópico desta produção, foi realizada de forma impessoal pelos pesquisadores, que, utilizando a terceira pessoa do singular, sintetizaram e organizaram o discurso para descrever diretamente a fala da entrevistada,

nesta escrita o relato da jornalista trouxe uma riqueza de contribuições no trabalho, pois a história e o profissionalismo da apresentadora está interligado com a identidade do programa Alô, Alô, Amazônia.

3.A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA

O Rádio é um recurso de comunicação massiva, que consegue atingir públicos amplos e diversos em todo o território nacional. Sua capacidade de difundir informações, música, notícias, entretenimento e debates tornou-o um instrumento importante de formação de opinião, de construção da identidade nacional e propagação da cultura brasileira. Desde sua chegada ao Brasil, o rádio passou por mudanças significativas, seguindo o desenvolvimento tecnológico e se adaptando às transformações sociais e culturais (Barros; Villaça, 2016).

A população amazônica ao longo de sua trajetória histórica enfrentou fortes dificuldades no processo de comunicação, tendo em vista as barreiras geográficas, marcada por uma densa floresta e vastos rios, além da falta de uma infraestrutura abrangente de telecomunicações, o que fez com que o rádio se tornasse uma ferramenta necessária para promover a comunicação entre as diferentes localidades, sejam elas urbanas ou ribeirinhas. Portanto, o rádio possui uma forte representação no processo de comunicação na Amazônia, que em sua abrangência de difusão tem a capacidade de conectar locais e populações isoladas.

O surgimento das primeiras emissoras nos estados que hoje integram a região Norte do Brasil foi marcado por uma presença significativa do poder público e da influência política. Embora as motivações variam — como interesses econômicos no caso do Amazonas, ou a intenção de promover a integração dos povos das florestas no Acre e em Rondônia —, essas iniciativas geralmente refletiam objetivos governamentais. O estado do Pará, no entanto, constitui uma exceção a essa tendência. (Santiago; Rocha, 2020).

Como instrumento que vai além da mera distribuição de informação, mas também como forma de integração social e divulgação cultural, diferentes rádios foram surgindo, acompanhando processos territoriais e históricos específicos. De acordo com (Santiago; Rocha, 2020), a rádio pioneira da Amazônia, A voz de Manaus, do estado do Amazonas, foi inaugurada em pleno ciclo da borracha no ano de 1927, e teve o intuito de distribuir informações aos seringueiros e comerciantes da região. Em seguida, outras emissoras

foram surgindo, como a Rádio Clube do Pará em 1928, a Rádio Difusora Acreana em 1944, a Rádio Difusora do Guaporé em 1945, território que hoje é o estado de Rondônia. Em Roraima, a primeira emissora de Rádio oficial foi inaugurada em 1957, e o último estado da região norte a receber uma emissora de Rádio foi o Tocantins com a Rádio Difusora de Tocantins, em Porto Nacional, em 1968. Assim, a diversidade regional evidencia que as emissoras, embora formalmente ligadas aos mesmos projetos econômicos e políticos, precisaram adequar suas programações às práticas e costumes locais, respondendo às demandas específicas de comunidades dispersas e culturalmente heterogêneas.

O estado do Amapá, por estar localizado no extremo Norte do Brasil e isolado do restante do país pela inexistência de conexão rodoviária, possui grandes desafios para as telecomunicações. Sua geografia entrecortada diretamente por rios e amplamente coberta pela densa floresta Amazônica é composto por povoados ribeirinhos, ou seja, pessoas que se instalam às margens dos rios e constituem suas moradas, utilizando, majoritariamente, o meio de transporte fluvial, como barcos e canoas, para entrar e sair dessas localidades.

As características geográficas do estado do Amapá dificultaram a instalação de infraestrutura de telecomunicações amplamente consolidadas no restante do país, como a telefonia fixa e móvel, assim como o serviço de correios. Foi apenas na última década que a popularização da internet via satélite promoveu uma revolução definitiva na forma de comunicação predominante das comunidades ribeirinhas. Mas antes disso, o rádio exerceu papel preponderante na comunicação, especialmente entre as comunidades ribeirinhas e as cidades.

A comunicação através do rádio torna as informações mais acessíveis às populações mais distantes; o rádio embala a vida dos ribeirinhos afastados da cidade, dá voz àqueles que nem sempre conseguem chegar aos centros urbanos e permite uma interação independente da localização. Os programas de rádio desempenham um papel relevante, contribuindo também para a construção de memórias e histórias vividas pelos ouvintes.

Dessa forma, o sistema de comunicação por rádio no Amapá manteve-se por muito tempo como o principal meio de comunicação e teve amplo engajamento entre os moradores das áreas mais distantes da capital amapaense. Ele possibilitou a troca e a obtenção de informações entre moradores de diferentes localidades das regiões ribeirinhas e da capital Macapá, bem como o acesso a informações sobre o que acontece no Brasil e no mundo.

A Rádio Difusora de Macapá foi inaugurada em 11 de setembro de 1946. Sua criação está relacionada ao contexto de institucionalização do Território Federal do Amapá, que foi oficializado em 1943, por meio do decreto-lei nº 5.814. Já em 1944, com a posse de Janary Gentil Nunes como governador, foi criado o Serviço de Imprensa e Propaganda (SIP), com o objetivo de divulgar as ações do novo governo. Entre os meios utilizados estava o Jornal Amapá, um semanário que começou a circular em março de 1945, produzido pela Imprensa Oficial. De acordo com registros desse periódico, o embrião da futura emissora foi o Serviço de Alto-Falantes, inaugurado em fevereiro de 1945, um mês antes da estreia do jornal. Esse serviço veiculava músicas, notícias e informações de utilidade pública. (Rádio Difusora de Macapá, S.D.).

Desde a sua inauguração, a rádio difusora passou por diferentes fases de consolidação, a rádio passou por significativas melhorias técnicas, como a instalação de um transmissor de 1.500 watts em 1952. Em 1953, obteve concessão federal para operar em onda tropical, o que só se concretizou em 1957, por dificuldades técnicas. A partir de 1958, operou exclusivamente nesse formato até 1964. Nesse mesmo ano, o governo incorporou o equipamento da Rádio Equatorial, estação desativada pelo regime militar, utilizando seus transmissores (Rádio Difusora de Macapá, S.D.).

A Rádio Difusora funcionou até 1978, quando foi extinta pelo governo federal e substituída pela Rádio Nacional de Macapá, que utilizou temporariamente seus equipamentos. Em 1989, no contexto da política de privatizações, o governador Jorge Nova da Costa articulou a recompra da emissora, devolvendo-a ao povo amapaense. Ao longo de sua história, a Rádio Difusora de Macapá teve papel de destaque na cena artística e cultural do Amapá, promovendo eventos, radionovelas e transmissões pelo interior do território (Rádio Difusora de Macapá, S.D.).

Assim, a emissora se mantém em operação até os dias de hoje. Embora tenha tido um caráter político em seus primeiros anos, ao longo do tempo transformou-se, mantendo uma forte ligação com as comunidades ribeirinhas e levando informação e entretenimento às comunidades isoladas da Amazônia amapaense. Esta questão foi analisada por Wanderley (2019), que afirma:

Ao analisarmos a Rádio Difusora de Macapá, pertencente atualmente ao governo do Estado, encontramos algumas características da Comunicação Pública. Ao abrir as portas para que a população ribeirinha de outro Estado possa ter suas mensagens divulgadas na rádio e que possa interagir com os locutores e profissionais da emissora, a Rádio Difusora possibilita que sua participação no processo comunicacional atinja o fim proposto. (Wanderley, 2019, p. 46)

Com o avanço da tecnologia e as novas formas de comunicação, no qual o rádio busca formas de se fortalecer, novas adequações perpassam pela história desse meio de comunicação, dentre as mudanças está o processo de migração da Rádio AM para FM. Esse processo foi impulsionado principalmente por interesses tecnológicos e mercadológicos, com grandes empresários do setor atuando para garantir que o rádio AM, cuja tecnologia já era considerada obsoleta, pudesse migrar para uma faixa que proporcionasse melhor qualidade de áudio e, consequentemente, maior rentabilidade (Coutinho, 2021).

No entanto, apesar dos ganhos com a melhoria na qualidade sonora na distribuição das informações do rádio, esse processo gerou consequências. Como o alcance da difusão de rádio em FM é mais limitado do que o AM, criou-se desertos de notícias e zonas de silêncio em comunidades que dependem dos canais AM para sua comunicação local, colocando em risco a continuidade das memórias veiculadas pela rádio e ameaçando o papel social dessas emissoras como patrimônios culturais vivos.

A migração das emissoras de AM para FM também impôs alterações na programação e na linguagem dos veículos, eliminando parte da audiência tradicional que se identificava com a rádio AM. Assim, segundo Coutinho (2021, p. 69):

A migração de AM para FM, no Brasil, parece ser abrangente para resolver questões técnicas e mercadológicas que inviabilizam, hoje, a operação e escuta das rádios em amplitude modulada [...] entretanto, o que se observa-se que a migração vai além da troca de equipamentos e da mudança na banda de veiculação da rádio, envolvendo transformação no modo de consumo, prejudicando a história e as relações da emissora com a cultura em que está inserida.

Dessa forma, para se adequar às exigências e as mudanças de mercado, a Rádio Difusora de Macapá também está em processo de migração de suas transmissões de AM para FM. Vale ressaltar que as transmissões em ondas tropicais já foi interrompida. Atualmente localizada na Rua Cândido Mendes, nº 525, no Centro de Macapá, a rádio possui prédio próprio. Sua grade é diversificada e composta por programas musicais, jornalísticos, esportivos e religiosos.

4.A DINÂMICA DO PROGRAMA ALÔ, ALÔ AMAZÔNIA

O programa Alô, Alô Amazônia surgiu junto com a emissora, levando notícias e informações na linguagem da população ribeirinha. Por essa característica, sofreu muito

preconceito devido aos estigmas que recaem sobre a linguagem de comunicação dessas populações, que nem sempre seguem as regras dos processos de comunicação formal. Devido a essa aproximação, principalmente através da linguagem, o programa tornou-se um dos mais populares da emissora, chegando aos lares de milhares de pessoas ao longo dos anos e fazendo parte do cotidiano delas, criando laços afetivos e memórias que permanecem vivas até hoje. Ainda no ar, o programa Alô, Alô Amazônia é o mais antigo da emissora e enfrenta o desafio de continuar sendo um importante interlocutor com as comunidades ribeirinhas diante da expansão do acesso à internet.

O programa Alô, Alô Amazônia foi criado com o objetivo de encurtar a distância entre as populações que vivem na Amazônia Amapaense e suas adjacências. Ele surge a partir de uma demanda que os ouvintes que estavam na capital tinham de enviar mensagens para seus familiares nas comunidades ribeirinhas. Portanto, o programa Alô, Alô Amazônia passou a centralizar os pedidos de envio de mensagens e se tornou fundamental no processo de comunicação junto às comunidades ribeirinhas, trazendo consigo aspectos de uma identidade cultural tipicamente amazônica.



Figura 1: Apresentadores Lima Júnior e Janete Carvalho

Fonte: Rádio Difusora de Macapá, 2025.

Atualmente o programa de rádio é apresentado por Lima Júnior e Janete Carvalho, mas já teve outros apresentadores ao longo de sua história. Juntos eles são a identidade do programa e têm a função de levar através de suas vozes as mensagens das pessoas espalhadas pela região. Diariamente, familiares recorrem ao programa para levar

suas mensagens aos radialistas que coordenam a programação da rádio. São homens, mulheres, donas de casa, pescadores, agricultores, donos de embarcações e, em especial, povos de comunidades tradicionais que, todos os dias, recorrem ao programa. O sucesso foi tão grandioso que ele se tornou o maior elo de comunicação entre os moradores das regiões ribeirinhas (Martins, 2005).

As mensagens são divididas em seis grupos para serem lidas ao longo do programa, intercaladas por comerciais e músicas características da região:

1. Mensagens homenagens – destinadas a celebrar datas especiais, como aniversários e datas comemorativas, por exemplo, o Dia dos Namorados;
2. Mensagens imperativas – cujo contexto exprime uma ordem, um pedido de favor ou solicitação de prestação de serviço;
3. Mensagens festas-convites – destinadas a convidar a população para participar de festas dançantes ou torneios de futebol;
4. Mensagens avisos – destinadas a informar sobre a melhora de um ente querido, o nascimento de alguma criança, entre outras situações;
5. Mensagens pedidos – destinadas a informar a alguém a necessidade de se deslocar à capital Macapá para receber algum benefício, entre outras solicitações;
6. Mensagens comunicadas – destinadas a comunicar o recebimento de algum benefício ou a necessidade de envio de dinheiro para alguma pessoa que está em Macapá.

Ao analisar o processo de comunicação, Wanderley (2019), interpreta que as mensagens passam por diferentes processos até chegar ao destinatário final, o chamado receptor da mensagem. A mensagem chega à recepção da rádio após passar pela etapa de pensamento e elaboração do emissor, que pode ser um parente, um amigo, um órgão público ou comunitário. Em seguida, essa mensagem é repassada para uma pessoa responsável pela recepção e escrita ou digitação dessas mensagens em um espaço físico específico chamado “O Mensageiro”, destinado a receber as pessoas. A partir da recepção, a mensagem passa por uma readequação para a resolução de problemas gramaticais, que, mesmo após a readequação, ainda permanecem em algumas mensagens visando manter a integridade do linguajar da população.

Para que a mensagem fosse recebida e lida pelos locutores, o emissor deveria pagar uma taxa, que ao longo dos anos passou por muitas variações. Em seguida, essas mensagens eram divididas em pastas de acordo com sua categoria, ou seja, sua característica, e assim seguiam para o estúdio de transmissão do programa, para serem

repassadas e recebidas pelos seus destinatários.

Vale lembrar que um dos diferenciais do programa, que o tornou a programação mais escutada da Amazônia ribeirinha amapaense, foi a estrutura original das mensagens enviadas e entregues na portaria da Rádio Difusora do Amapá. Usando sempre uma linguagem popular, simples e original, as mensagens eram lidas na íntegra, exatamente como eram escritas, e, ao serem repassadas, aproximavam os locutores da realidade dos ouvintes em suas comunidades.

De acordo com Wanderley (2019), em seus estudos sobre o programa, as mensagens possuem uma estrutura textual que se assemelha ao gênero textual Carta. Para a autora, além das intenções que atravessam as mensagens, os enunciados possuem características próprias desse gênero, como: local e data o dia em que foi escrita ou digitada e a comunidade onde o destinatário reside; o vocativo palavras que acompanham o nome principal do destinatário, com intuito cordial, visando uma aproximação entre emissor e receptor; o texto espaço destinado à abordagem da mensagem, com diferentes intencionalidades; e, por fim, a assinatura do destinatário, como no exemplo a seguir:


GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ - AP - RDM
RUA CANDIDO MENDES, 525 - CENTRO - MACAPÁ / AMAPÁ - CEP
68900-100 UNIDADE COMERCIAL / (96) 3131 2712 / 3131 2714 / 3131
2718. C.N.P.J. 01.754.170/0001-24

RECIBO MENSAGEIRO MACAPÁ N° 002315/2018 – MACAPA
VALOR: R\$ 10,00 2X 29/08/18 (MENSAGEM COMUM) RG:
MENSAGEM PARA IZAEL NO IPIXUNA,CHAVES.
AVISO QUE FIZEMOS UMA BOA VIAGEM COM A GRAÇA DE DEUS.
IZAEL, O QUE FUI FAZER EM CHAVES EU NÃO RESOLVI, POIS ERA AQUI EM MACAPÁ.
VOU VIAJAR HOJE A TARDE COM O NILSON, PESSO QUE VÁ ME BUSCAR AMANHÃ NA BOCA DO IPIZUNA.
LEMBRAÇAS PARA TODOS VOCÊS.
ASS: EDICLEIA

Figura 2: Exemplo de mensagem

Fonte: Wanderley (2019).

Portanto, como mensageiro do povo amazônico ribeirinho, o programa tornou-se parte do cotidiano das comunidades isoladas, que, antes do advento da internet, criaram uma relação intrínseca com ele. Foram milhares de mensagens enviadas e recebidas que passaram pelo programa, com inúmeros destinos, cumprindo o papel fundamental de

levar informação e exercer uma função social relevante.

Nessas idas e vindas de mensagens, as relações foram fortalecidas. Alguns moradores chegaram a considerar os locutores como pessoas muito próximas, chegando a convidá-los de forma especial para visitar as comunidades, tomar café em suas casas e participar de torneios esportivos e festas. Dessa forma, os laços afetivos criaram vínculos que perduram até hoje, sendo lembrados e mantidos com muito carinho pelos apresentadores e por muitos ouvintes que, mesmo após a chegada das novas formas de comunicação, continuam ouvindo a rádio.

5.IDENTIDADE DO PROGRAMA NO OLHAR DA APRESENTADORA

A trajetória da jornalista Janete Carvalho se tornou marcante na história do rádio e em especial do Programa Alô, Alô, Amazônia, como também esteve presente na vida dos ouvintes assíduos da Rádio Difusora. Janete Carvalho iniciou sua trajetória profissional na comunicação ainda bem jovem. Conforme relatou em entrevista, que foi por meio das leituras das liturgias na igreja Nossa Senhora de Fátima, que recebeu um convite de uma amiga para fazer um teste na rádio, pois tinha uma voz marcante e que chamava a atenção dos fiéis que frequentavam as missas. Assim, Janete iniciou seu trabalho na Rádio Difusora no ano 1998, após realizar vários testes de gravações em áudio. Uma das funções que mais fez no início era ler comunicados e/ou avisos para os ouvintes. Normalmente eram informações sobre prestação de serviços que de alguma forma iriam afetar o dia a dia dos ouvintes, dentre eles cortes e/ou desligamento de energia nos bairros e localidades mais afastadas da cidade.

Após sua chegada na rádio, os espaços foram se firmando e com eles o convite para atuar em outras atividades que faziam parte da programação da rádio também começaram a aparecer, e em pouco tempo Janete Carvalho foi convidada para integrar um programa de rádio que era destinado especialmente às mulheres, chamado “Viva Mulher”, tendo em sua programação diversas temáticas, na qual traziam convidados específicos para complementar a programação, na época a mesma fazia parte da produção do programa.

Em 2002, uma integrante que fazia parte da equipe dos apresentadores do Programa Alô, Alô, Amazônia não conseguiu estar presente na apresentação do programa, a mesma faltou e com isso Janete Carvalho recebeu o convite para ir na rádio e apresentar, esse convite foi recebido com receio, pois a mesma ficou temerosa, já que a

rotina do Alô, Alô, Amazônia era diferente e não fazia parte do trabalho que a mesma desenvolvia. Mesmo assim, Janete Carvalho aceitou o convite e apresentou o programa Alô, Alô, Amazônia, porém durante a apresentação a mesma foi lendo as mensagens com o seu próprio jeito, colocando suas características pessoais nas leituras das mensagens que eram repassadas, e para sua surpresa, os ouvintes gostaram da forma única da jornalista ler e apresentar. A substituição de Janete durou uma semana e por ter sido bem aceita pelos ouvintes foi efetivada como apresentadora do programa.

As características da rotina na leitura das mensagens do programa são rápidas, devido aos inúmeros recebimentos de mensagens que a rádio recebe dos ouvintes, só que aos poucos a jornalista foi colocando a sua marca na essência do programa e com isso o público foi se familiarizando, logo, não demorou muito para que ela se tornasse uma voz marcante e prestigiada na Rádio Difusora.

Já fazendo parte da equipe de apresentadores, a jornalista relatou que também teve que se adaptar ao planejamento interno do programa, os desafios foram sendo enfrentados pela mesma, como horário e pontualidade para o programa entrar no ar. Além, de se adaptar ao calendário e dias da semana, já que o programa Alô, Alô, Amazônia é apresentado de segunda a sábado, sendo o horário de entrada às 13h e terminava às 18h, assim a jornalista tem que ter total compromisso com a programa, não podendo se ausentar da rádio, como também aderir a feriados.

A maior marca do programa Alô, Alô, Amazônia estava ligada diretamente à originalidade na leitura das mensagens que eram deixadas pelos ouvintes e Janete Carvalho optou por ler na íntegra os bilhetes que a rádio difusora recebia. Portanto, mesmo que alguns bilhetes contivessem erros ortográficos e gramaticais, a jornalista mantinha a leitura fiel da forma como o ouvinte ditava a mensagem e foi esta característica que aproximou ainda mais a apresentadora dos ouvintes, criando uma identificação da população com sua forma de comunicação.

Janete Carvalho esclareceu que não há um registro exato sobre a data de surgimento do programa Alô, Alô, Amazônia, mas que, a partir de relatos e da experiência de comunicadores que foram seus colegas de rádio, sabe-se que o formato já existia desde o início da rádio e já cumpria o papel de informar e levar a mensagem da população ribeirinha. Com o passar dos anos, o formato desse serviço radiofônico foi se aprimorando, inicialmente com o título de "Mensageiro do Interior" e, posteriormente, com o nome Alô! Alô! Amazônia.

Ela contou que, mesmo antes da existência de um horário fixo, as pessoas

chegavam à rádio e pediam para passar suas mensagens. A rádio funcionava como meio de comunicação para essas demandas, ainda que não tivesse um horário estabelecido. Com o tempo, o programa foi ganhando espaço e se encaixou em um horário regular, das 13 às 14 horas, consolidando sua função.

Janete Carvalho relatou que foram muitos os momentos que a marcaram durante a trajetória apresentando o programa, principalmente quando era preciso anunciar mensagens delicadas, como o falecimento de pessoas. Mas também relatou a alegria de comunicar mensagens como o nascimento de crianças ou a divulgação de algum evento festivo, que ela sabia que reuniria muita gente.

Algumas ações no interior também a marcaram muito. Dentre as quais ela destacou o “Concurso do Garota do Alô, Alô Amazônia”, evento realizado em comemoração ao aniversário da Rádio Difusora. Esse evento causou muita expectativa, repercutiu muito nas comunidades e levou muitas meninas ao prédio da rádio para fazer a sua inscrição no concurso. Foram duas edições: uma ocorreu no Rio Porteu, na sede da propriedade de um senhor conhecido como Cazuza, no município de Afuá. A outra edição aconteceu na comunidade Ipixuna Miranda, no município de Macapá. Nessa ocasião, o evento foi realizado no centro comunitário da comunidade.

Sobre a abrangência geográfica do programa, Janete Carvalho relatou que as mensagens eram direcionadas, além do município de Macapá, a moradores dos municípios de Afuá, Chaves, Gurupá e Breves, na Ilha de Marajó, no estado do Pará. Havia também mensagens direcionadas a outros municípios do estado do Amapá, principalmente as comunidades ribeirinhas de Mazagão e Santana. Em Macapá, o principal alvo das mensagens eram as comunidades do arquipélago do Bailique. Mas a apresentadora relata que a maior parte das mensagens seguia para as comunidades da Ilha do Marajó. Isso porque, apesar de comporem o estado do Pará, municípios como Afuá, Chaves e Breves são mais próximos de Macapá do que de Belém.

Ao longo do período em que está apresentando o programa Alô, Alô, Amazônia, Janete Carvalho identificou que ocorreram diversas mudanças que impactaram profundamente o Rádio e o programa comandado por ela. A principal mudança foi na função que o programa cumpre junto às comunidades. Com o avanço das telecomunicações nas comunidades ribeirinhas, principalmente com a popularização da internet móvel e via satélite na última década, a transmissão de mensagens individuais já não é mais o foco principal do programa. Atualmente há mais uma demanda coletiva de comunicação, com a transmissão de comunicados e informações para as comunidades

como um todo.

Com a chegada da internet às comunidades a comunicação foi facilitada. Empresas de telecomunicações instalaram torres em muitas ilhas e comunidades ribeirinhas, introduzindo o sinal de telefonia móvel e internet banda larga. Janete Carvalho ressalta que antes o rádio era o único meio de comunicação existente, mas agora a internet se tornou a principal forma de comunicação nessas comunidades, rompendo com o isolamento e ressignificando o papel do rádio.

As mensagens individuais enviadas pelo rádio agora são raras, mas o contato direto com o ouvinte se tornou bem maior, pois as redes sociais permitiram uma comunicação de mão dupla. Atualmente, cresce a interação com os ouvintes em tempo real por meio das redes sociais, promovendo maior interatividade com o programa. Outro aspecto de transformação relevante é que além de ouvir pelo rádio, muitos ouvintes agora também têm a opção de ouvir o programa pela internet, obtendo maior qualidade sonora e ampliando o alcance da transmissão para além da zona de propagação das ondas de rádio.

No entanto, a apresentadora admitiu que essa modernização também quebrou a "magia do rádio". Segundo ela, antes havia uma curiosidade natural do ouvinte: "Quem é a Janete?" Hoje, com a internet, essa interação acontece de forma imediata: basta ligar o computador ou o telefone celular e tudo se conecta rapidamente, com transmissão de áudio e vídeo dos estúdios em tempo real. Mas ela reconhece esse aspecto como algo positivo e disse que gosta muito disso também. Ainda assim, apontou que, apesar da interação instantânea, há uma certa saudade do passado. Muitos ouvintes dizem: "Lembro desse programa. Meu pai ouvia. Que bom que estou ouvindo o Alô, Alô, Amazônia!", mas agora dizem isso com o celular na palma da mão, não mais pelo "radinho".

A jornalista comentou se o programa Alô, Alô Amazônia continua sendo um elo de Comunicação na Amazônia, conectando os apresentadores e a emissora com os ouvintes. Ela destacou que, pela utilidade do programa ao longo de mais de sessenta anos, pode-se afirmar com certeza que o Alô! Alô! Amazônia se consolidou como um importante serviço de divulgação e comunicação. E, apesar das mudanças tecnológicas, como a chegada da internet, que fez com que as mensagens escritas deixassem de ser usadas da forma tradicional, o programa permanece como uma marca importante da radiodifusão regional.

Janete Carvalho ressaltou que o Alô! Alô! Amazônia continuará sendo uma referência para toda a região amazônica, embora não com a mesma intensidade e forma de prestação de serviço que tinha antigamente, quando as pessoas vinham pessoalmente

passar suas mensagens. Por fim, afirmou que o programa aproxima pessoas e regiões distintas, por exemplo, alguém que está no Amapá consegue se comunicar com parentes no Pará ou nas ilhas próximas, por meio das ondas do rádio. Dessa forma, o programa será sempre uma referência enquanto permanecer no ar, especialmente agora, fortalecido por seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial do estado do Amapá.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia continuará sendo um gigante quando se trata de comunicação entre os seus habitantes. Ainda são muitas as comunidades que enfrentam algum grau de isolamento e dificuldade de comunicação. São muitas também as deficiências na prestação de serviços de educação e saúde nestas comunidades. Nesse contexto, o rádio continua sendo um importante meio de romper o isolamento e assegurar o acesso à informação que permita o acesso a serviços públicos e políticas sociais. Assim, a Rádio Difusora de Macapá e o programa Alô, Alô, Amazônia seguem exercendo um importante papel na comunicação da Amazônia.

Ressalta-se ainda a importante função que o formato do programa Alô, Alô, Amazônia exerce na criação de uma identidade regional e no fortalecimento político da região. Por isso, a seleção desta temática para este texto teve como também a intenção de despertar reflexões acerca da necessidade de fortalecimento da comunicação pública na Amazônia, a fim de garantir e ampliar o empoderamento das comunidades tradicionais.

Há muitos outros aspectos sobre o papel do rádio na Amazônia que ainda carecem de estudo. O programa Alô, Alô, Amazônia, também atua como um canal importante para sujeitos dispersos geograficamente, que buscam através da escuta manter contato afetivo e simbólico com suas localidades de origem. No entanto, ainda falta o desenvolvimento de pesquisas dedicadas a entender a dimensão psicológica, social e cultural dessa experiência, especialmente em relação às demandas emotivas e aos modos de escuta que o rádio promove para esses públicos através do tempo e no momento atual.

Além disso, fica evidente que a história da Rádio Difusora, atrelada ao programa Alô, Alô, Amazônia, representa uma parte importante para a compreensão do processo de comunicação das comunidades ribeirinhas do estado do Amapá e norte do Pará, que está longe de se exaurir. Por isso, é necessário o fortalecimento da imagem do programa enquanto patrimônio imaterial do Estado do Amapá junto às comunidades ribeirinhas que fizeram e fazem parte da história do programa, seja através de políticas públicas ou por

meio de estudos junto a essas populações.

Por fim, conclui-se que o rádio exerce um importante papel na construção cultural das comunidades tradicionais. A Rádio Difusora do Amapá, como rádio pública, e especialmente o programa Alô, Alô, Amazônia, representa a voz das comunidades, com uma linguagem própria e a fim aos ouvintes. O protagonismo do programa junto a essas comunidades e o respeito a elas constatado no relato da apresentadora revelam a importância de continuar valorizando a comunicação pública e o formato de programação voltado aos povos tradicionais da Amazônia.

REFERÊNCIAS

BARROS, Vanessa Teixeira de; VILLAÇA, Lenize. **Rádio e suas características de permanência.** In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 23., 2016, São Paulo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-13.

COUTINHO, Elane Gomes Santos. **Rádio regional e cultura popular: o patrimônio cultural imaterial na migração de AM para FM – análise da ZYD 869 Rádio Mantiqueira de Cruzeiro (SP) e da ZYV 514 Rádio Clube de Santo Antônio de Jesus (BA)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2021.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90–113.

RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ. A primeira emissora de rádio a se instalar no Amapá. Macapá: Rádio Difusora de Macapá, s.d. Disponível em: <http://www.difusora.ap.gov.br/interno.php?dm=459>. Acesso em: 18 jul. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p. ISBN 978-8522458233.

MARTINS, Benedito Rostan Costa. **Alô, Alô, Amazônia: a linguagem da floresta no rádio**. São Paulo: Limiar, 2005.

SANTIAGO, Abinoan; ROCHA, Paula Melani. **Começo do Radiojornalismo na Amazônia: o mapeamento das primeiras iniciativas nos estados da região**. Revista Latino-americana de Jornalismo, ano 7, vol.7, n.1, jan./jun. 2020.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. ISBN 853631043X.

WANDERLEY, Patrícia Teixeira Azevedo. **Alô, Alô Amazônia: o rádio que o ouvinte**

também faz. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Belém-Pará, 2019.